

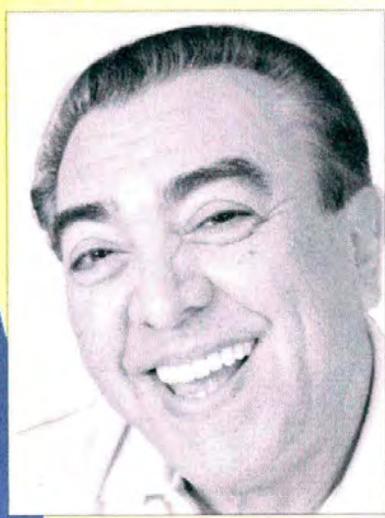
# DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IX Nº 111/116  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Impresso  
444/2003/DR/BSB  
CÂMARA  
LEGISLATIVA  
...CORREIOS...

## Maurício de Sousa



# Brasília

*45 anos*

## Patrimônio da humanidade

## Gênio da história em quadrinhos



© MSP

# A literatura de



Poesia e Gramática  
de J. BORGES



Poesia e Gramática  
de J. BORGES



# cordel

Há muitos anos, viajando pelo nordeste brasileiro, conheci a literatura de cordel, que me agradou bastante, mas que deixei de ler porque esse tipo de poesia popular não se encontrava à venda no nosso ambiente. Foi para mim muito agradável, em conversa recente com o professor Alberto Roiphe, ficar sabendo que esse intelectual está escrevendo uma tese para doutoramento a respeito da literatura de cordel. Conhecendo a minha simpatia pelo referido gênero poético, o professor Roiphe enviou-me de São Paulo, onde reside, sete exemplares de literatura de cordel. Fiz a leitura desses opúsculos, anotando o que me pareceu singular.



Antonio Américo de Medeiros, no folheto *Os mestres da literatura de cordel*, oferece o relato histórico desse gênero literário, oriundo do povo e que une a poe-

sia a todos os assuntos. No seu escrito, o poeta singelo assinala a origem da sua preferência, enumera os seus versistas mais representativos e define o tipo de criação a que se dedica:

"Cordel quer dizer cordão ou um barbante esticado onde se expõe folhetos à venda em qualquer estado em pregadores de roupas o livrinho pendurado".

Em *A revolta dos pretos*, o seu autor Manoel Monteiro corajosamente aponta a crueldade social e defende os negros, os gays e as prostitutas. Depois de argumentar que às vezes o que chamamos de minorias são majorias, o versista clama por uma resistência esclarecida: "Minorias! Vão em frente!"

As obras que pertencem a essa

linha de poesia são o mais das vezes antigramaticais, mas em *A revolta dos pretos* Manoel Monteiro, numa nota em prosa, reprova o desleixo no emprego do idioma e chega mesmo a recomendar "a utilização do cordel como complemento didático em sala de aula".

Em *Contaram-me e conto para vocês - uma lenda do povo Caiapó*, Manoel Monteiro, no seu texto, descreve a colonização lusitana como destruidora da existência do índio brasileiro.

José Francisco Borges, em *A chegada da prostituta no céu*, funde fantasia e crítica social.

Em *A discussão do ensino anti-*

*go com o ensino moderno*, de Afrânio Gomes de Brito, apresentada em forma de diálogo, triunfa naturalmente a pedagogia moderna.

Para os cordelistas não há assunto que não possa desenvolver-se nas suas sextilhas. Por esta razão é que tanto lançam uma biografia de Juscelino Kubitschek como uma descrição histórica (veja-se, por exemplo, o caso de *A evolução do papel - da China aos dias de hoje*). Realmente, com a leitura deste tipo literário humilde, podemos perceber que alguns dos seus autores pretendem o ingresso dele nas escolas.

Manoel Monteiro vê, na sua concepção de poesia, a autenticidade da expressão rotineira:

"A herança oral dum povo é esta que vem vindo de boca em boca e vai povoando a mente das pessoas".

Essas publicações características não se limitam à poesia mas já se aproximam das artes plásticas: refiro-me à xilogravura. As capas dos folhetos apresentam lindas gravuras. Manoel Monteiro elogia o artista plástico Josafá de Orós, que tem dado a sua colaboração a seus amigos e conterrâneos.

Essa riqueza poética do Nordeste brasileiro não se restringe às atividades dos cordelistas. Mário de Andrade, paulista, criou verdadeira paixão pelo folclore nordestino. No Rio Grande do Norte, ele ficou deslumbrado com as interpretações do cantor e artista popular Chico Antonio. Arrebatado pela cantoria do potiguar, chegou a escrever: "Estou divinizado por uma das comições mais formidáveis da minha vida."

Outros admiradores da poesia popular existiram, sem dúvida alguma. Raymond Cantel,

mestre da Sorbonne, vinha ao Brasil especialmente para adquirir o material folclórico nordestino.

Gilberto Freyre, no seu *Compêndio de história da literatura*, observa "certo influxo na poesia anônima especialmente no ciclo de romances de vaqueiros, muito corrente na região sertaneja do Norte, na famosa zona das secas, entre o Paraguaçu e o Parnaíba, a velha pátria dos Cariris." Em suma, na região do Nordeste brasileiro, a criação poética não constitui uma riqueza só própria dos altos padrões literários mas vive também na alma do povo.

